

Ao Partido Comunista Português

A minha desvinculação

Júnior.

16 de fevereiro de 2024

“O Partido Comunista Português, pela identificação dos seus ideais e objetivos com as aspirações mais profundas do povo português e com os interesses nacionais, é continuador legítimo das melhores tradições da luta e das realizações progressistas e **revolucionárias** do povo português.”

Número 4, do Art. 1º dos Estatutos do Partido Comunista Português

Ao longo dos últimos tempos – e que difíceis tempos – o PCP tentou manter uma posição de defesa dos interesses dos trabalhadores, dos povos oprimidos e de defesa pela democracia. Ora, é inegável o contato direto com a população portuguesa que o PCP tem feito pela divulgação dos seus princípios e ideais. Mas é também aí que o Partido, que tão bem me acolheu, se extingue.

De mãos dadas à social-democracia e ao parlamentarismo burguês, o PCP esqueceu, com o passar das décadas, a função verdadeiramente revolucionária a que se lançou na luta por um povo, que, evidentemente, precisava de uma verdadeira experiência socialista – no menor dos cenários.

Se com a ascensão do neofascismo em Portugal, o Partido me abriu a porta ao caminho da justiça social, é nesse mesmo caminho que encontro agora um Partido vazio. Vazio de ideias revolucionárias, um Partido reformista, um Partido trabalhista social-democrata.

Em antevisão às eleições de 10 de março de 2024, o povo português, e em especial os verdadeiros comunistas, estão perante um Secretário-Geral tolhido, amedrontado em proferir palavras contra os grandes monopólios, contra as grandes empresas, contra a propriedade privada, contra o Estado. Acresce que os dirigentes do Partido contribuem para a replicação de debates sem espírito revolucionário, cheios de sermões quaresmais e atos de contrições. Os líderes do Partido destroem-no desde o cimo – e que isto importa?

Perante isto, perante a idiotice do Cunhalismo sagrado não poderia deixar de militar pelo PCP sem antes tecer umas críticas finais:

1. **A Juventude Comunista Portuguesa** e os seus dirigentes não conhecem as realidades do Interior do nosso país, mas são nessas regiões que dirigentes alfacinhas e congêneres tentam impor através do seu conhecimento teórico de Marx e Lenin o chamado centralismo-democrático em ação. Hipócritas! Apontam uma dúzia de notas nas declarações dos camaradas que vivem, e conhecem o viver da Beira, para no fim fazerem valer a sua opinião cheia de lisboetismo e definirem a direção a seguir – que resulta em NADA. São os *stalineiros* que fazem ali as suas breves aparições à moda de Fátima, desfiam rosários de teorias *a la Vitória*– não dizem NADA. Todo o trabalho no que concerne à JCP na Covilhã – e excelente trabalho, perante a afronta da Direção Nacional e afins da JCP – é realizado por camaradas que vivem, estudam, percorrem cada rua da cidade da Covilhã, das aldeias envolventes. Conhecem a realidade da vossa “província”. E tantas vezes apontam críticas à forma de atuação da JCP lisboetista que ali se assoma e tenta com os mesmos métodos que aqui se usam, impor formas de luta em populações tão distintas, como a população covilhanense (estudantil e não estudantil). A JCP está tão cega em formar “quadros”, em formar uma seita leninista, que consegue uma mão cheia de nada. Mas bem-haja aos camaradas que resistem e sabem adaptar a luta comunista à cidade-neve, às condições materiais da população. O máximo respeito e admiração por eles, sempre.
2. **O PCP enredou-se no parlamentarismo** e não sabe como sair dele. Sem tática revolucionária, resta-lhe o *marketing* legislativo, o romantismo do 25 de Abril de 1974, a memória dos mártires, evocações do passado que deviam servir de lição para uma mudança radical à esquerda, não um orgulho fechado sobre si mesmo.
3. **O PCP exalta o bom imperialismo**. O bom imperialismo não existe – bipolariza as massas, repercute os sentimentos neocolonialistas os quais qualquer comunista que se preze deve combater.
4. **O PCP deve-se formar através das massas**, conhecê-las, ser imbuído nelas, e não tentar formatá-las ao seu programa político, tendencialmente social-democrata, culminando no reacionarismo.

5. **O PCP não tem qualquer atitude revolucionária no que concerne à luta queer.** “Mas nós não dividimos a classe trabalhadora, lutamos por todos”. Mas não estamos todos em pé de igualdade, nem mesmo entre nós, trabalhadores. Não reconhecer isso é manter o tradicionalismo, o conservadorismo – é travar o progresso social.

Posto isto, e focando apenas nos pontos mais sensíveis de uma longa reflexão, desvinculo-me do Partido Comunista Português, mas não das lutas pelos que sofrem pela exploração, pelo neofascismo, pelas alterações climáticas, pela LGBTQ+fobia, por todo e qualquer tipo de opressão.

Biblioteca Anarquista



Júnior.
Ao Partido Comunista Português
A minha desvinculação
16 de fevereiro de 2024

<https://juniornatroposfera.blogspot.com/2024/02/ao-partido-comunista-portugues-minha.html>

bibliotecaanarquista.org